



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AS DEMANDAS POLÍTICO-CULTURAIS NA PROBLEMATIZAÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL: FILHOS DA PÁTRIA, DE JOÃO MELO

Kelly Ane Evangelista Santos
Mestranda da Universidade Federal da Bahia
Keevanufba@yahoo.com.br

Maria de Fátima Maia Ribeiro
Profa. Dra. da Universidade Federal da Bahia
fatimari@ufba.br

Os estudos étnicos ao trazer à cena dos estudos culturais as demandas advindas das formas de estabelecimento das relações inter-étnicas/inter-raciais, tanto as produzidas no interior de uma nação como aquelas projetadas em formas supranacionais, colaboram para promover releitura dos projetos de nação em termos de como as atividades discursivas vinculadas a esses projetos forjavam representações das relações sociais estabelecidas no interior da nação e de como essas representações participam na formação do imaginário nacional.

Nas sociedades pós-coloniais, os projetos de construção das identidades nacionais, alicerçados no modelo de nação unificada e centrada, são contraditos por entraves e ambivalências gerados pela multiplicidade étnica que essas sociedades abarcam em seu interior. Por um lado, as iniciativas de formulação do discurso da nação se deparam com uma realidade sócio-cultural, marcada pela pluralidade de raças e etnias e pelos elementos híbridos gerados nos entrelaçamentos e nas trocas que direcionaram o encontro entre os diferentes no contexto colonial. Por outro, os projetos de afirmação das identidades nacionais se confrontam com demandas e conflitos de base étnico-racial que, por sua vez, se apresentam como consequência das ações de violação e opressão, por meio das quais se produziram as misturas e os entrelaçamentos delegados a essas sociedades pós-coloniais.

De acordo com Eugênia Rodrigues (2003) as estratégias discursivas produzidas no contexto colonial de Angola procuravam fazer como consensual a visão de uma sociedade angolana dividida entre negros e brancos. Projetavam-se textualidades que mediante o emprego de termos constrativos europeu /africano, brancos/negros: davam a idéia de uma sociedade marcada pela clivagem racial.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A representação dessa clivagem racial se constituía, por vezes, por meio de textualidades que reivindicavam declaradamente a pertença a raça negra, e articulava estratégias discursivas como forma de resistência e subversão do processo histórico de subalternização cultural e opressão social empreendidos pelo colonialismo português. Em meio a uma sociedade angolana colonial hierarquizada, estratificada, onde o branco assumia o lugar de detentor da riqueza e do poder, a consciência racial passou a ser tomada, pela população nativa, como base de uma identidade coletiva que subsequente passa a estar no bojo da construção da idéia de nação e nacionalidade angolana.

A passagem para o contexto pós-colonial provocou, inevitavelmente, reconfigurações na forma de estabelecimento das relações sociais, em virtude das mudanças na organização política das comunidades étnico-raciais locais, e da quebra do binômio colonizador/colonizado. A relação com a experiência colonial passa a ser representada de maneira ambivalente sinalizando para formas de continuidade e descontinuidade, manutenção e transmutação das ideologias racialistas que marcaram as demandas de base étnico-racial no quadro das relações sociais da era colonial.

As representações dessas demandas surgem desde o campo da (re) construção da subjetividade do ser negro e do ser branco, até implicativos da permanência de discursos de afirmação de singularidades coletivas, étnicas e raciais em paralelo a discursos que prevêm a nação pós-colonial como caracterizada por processos de miscigenação e hibridismo.

Os conflitos e implicações decorrentes das diferentes formas de pensar a identidade étnica e cultural dentro de um contexto social marcadamente multicultural são representados na obra **Filhos da Pátria**, de João Melo, com base nas particularidades próprias da configuração que essas questões assumem no contexto multicultural da Angola pós-colonial.

Filhos da Pátria, livro composto por 10 contos, apresenta em cada um deles a montagem de diferentes quadros sociais, através dos quais são retratadas temáticas referentes à situação econômica, política e sócio-cultural da Angola pós-colonial. Ainda que perpassasse praticamente toda a obra, em três dos contos, nomeadamente, Natasha, O



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

efeito estufa e Ngola Kiluanje, a problemática das relações raciais aparece como temática central.

Para essa discussão tomamos como objeto de análise os contos “Efeito Estufa” e “Ngola Kiluanje”. Nesses contos são montadas representações dos impasses entre perspectivas multiculturais e essencialistas de formulação das identidades nacionais em um contexto angolano pos-colonial. A tematização das demandas relacionadas ao campo da etnicidade e da raça se articuladam à proposta de discussão/ revisão dos parâmetros de construção da identidade nacional. Nesse sentido se coloca a questão das contradições forjadas a partir da articulação entre identidade racial, a nação e a nacionalidade.

Em “Efeito Estufa” é narrada a história de Charles Dupret. Personagem que caracterizado como sendo um famoso estilista de Angola é também apresentado como “o mais acérrimo defensor da autenticidade angolana”. Para Charles Dupret, a possibilidade de assumir a identidade angolana, estava intimamente ligada, ou mesmo, condicionada, à prerrogativa de ser negro, ou mais especificamente de ser um “negro autêntico”. Dito de outra forma, para que um indivíduo se auto considerasse ou fosse considerado um autêntico angolano, era necessário que ele pudesse comprovar sua legitimidade enquanto negro autêntico:

Charles Dupret, apesar de ter este nome, claramente afrancesado, ele era o mais acérrimo defensor da autenticidade angolana. *Angola é um país de pretos!* Esta frase contundente e absoluta estava presente em todos os discursos que fazia, mesmo quando falasse apenas do estado do tempo. Estava totalmente à vontade para brandir a referida sentença contra tudo e contra todos, pois não era um desses pretos suspeitos, meio acastanhados, cujo cabelo, quando cortado bem rente, se torna liso e dócil ao tacto e que, um tanto equivocadamente, se chamam a si próprios “fulos”. [...] Pelo contrário: ele era um preto genuíno, sem qualquer pigmento mais ou a menos! Um verdadeiro autóctone angolano! Podias, pois proclamar à vontade que *Angola é um país de Pretos* (MELO, 2008, p. 59).

A partir da representação do personagem se formula um discurso que no primeiro plano sinaliza para um ideal de identidade baseada na consciência racial. A identidade racial enquanto signo de identificação dos autóctones angolanos é tomada



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

como base para constituição da identidade nacional. Angola seria um país de pretos e por tanto o ser angolano estaria condicionado ao ser negro.

Com base na perspectiva do personagem, a seleção dos aspectos que deveriam definir a coletividade angolana está pautada em um senso de consciência racial. O signo da negritude (em sentido de alusão à características fenotípicas) entrar como elemento básico, como marca da essência que deveria compor interligar e identificar o coletivo nacional. Assim, apenas e somente os genuinamente autóctones, poderiam ostentar o marca da identidade angolana, mas não qualquer autóctone, apenas os autóctones negros, mais não qualquer um que se assumisse como negro, mas somente os negros “genuínos”, os “verdadeiros” negros. Apoiados nesses parâmetros o processo de constituição identitária é moldado por um movimento, contínuo de seleção e exclusão.

Ascende, a partir da apresentação das idéias defendidas pelo personagem, um olhar que concebe a identidade intrinsecamente relacionada ao sentimento de pertencimento racial. As diferenças fenotípicas (em apagamento de todo um conjuntos de elementos sócio-culturais partilhados) são tomadas como parâmetros para conferir ou renegar pertencimentos a grupos raciais, e o direito a ostentação da identidade nacional.

A visão do personagem denota a persistência de formas de compreender a construção da nação e a conquista da liberdade social e psicológica, ainda presa a uma atitude de negação do outro, da aniquilação de todo e qualquer elemento que mantenha ligação com o colonizador. Se projeta um discurso sobre a identidade nacional que assume um caráter a-histórico, no sentido em que tentar apagar, da historia da sociedade angolana, o colonialismo e junto com ele os trocas culturais, a mestiçagem os hibridismos que configuraram a identidade angolana.

Assim, é possível perceber que o discurso, de Charles Dupret, ao mesmo tempo que apresenta idéias marcadamente centrada em um ideal de racialização da identidade nacional, contraditoriamente, vai se organizando de modo a revelar o caráter multicultural, pluriétnico da sociedade angolana. Estrategicamente, é já na exposição dos argumentos, que estão na base sustentação do ideal de pureza étnica proclamado pelo personagem, que se faz referência a pluralidade de cores e traços étnicos que caracteriza a povo de Angola. Dessa forma Dupret só pode afirmar Angola como país de pretos, opondo os pretos à classe dos não-pretos ou dos pretos inautênticos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

O narrador tornar a demarcação étnica ainda mais fragmentada ao citar a existência dos “mulatos condenados”, dos “cabritos angustiados” e dos “brancos”, todos esses integrando a constelação de povos e culturas de Angola em oposição ao ideal de pureza étnica idealizado por Dupret. A narrativa é moldada por estratégias que lhe atribui um tom marcadamente irônico e o narrador vai construindo por meio dos argumentos que se afirma pertencer ao personagem, a denúncia dos fatos que contradizem e negam suas próprias idéias.

A desconstrução dos significados absolutistas presentes no discurso sobre a identidade, representado via personagem, se realiza em cenas que articulam o tom cômica forjado pela soma do exagero presente nas atitudes de Dupret e as atitudes contraditórias, que desautorizam, suas idéias e os argumentos utilizados para sustentá-las. O que pode ser observado na seguinte passagem do texto:

[...] Um dia estava toda a família a mesa [...] o estilista posou os talheres com um ar lento e grave. A princípio, os outros não ligaram, pois essa pose, na verdade, fazia parte do estilo arduamente cultivado por Charles Dupret, [...] se levantou e decretou definitivamente, como se disso dependesse não apenas a integridade, mas o próprio futuro daquela pequena célula da pátria que é a família, pelo menos no seu entendimento, ele era conhecido como maior defensor público da autenticidade angolana, *A partir de hoje, o bacalhau deixa de fazer parte da dieta alimentar dessa casa!* [...]. Sandra a filha mais nova de Charles Dupret [...] ousou retorquir [...]: – Pai o bacalhau é da Noruega, não é de Portugal. (MELO, 2008, p. 64-66).

As ações narradas sinalizam para, além do forte apego do personagem aos valores e padrões, ditos civilizatórios, do ocidente, contrariando seu discurso de aversão a cultura branco-ocidental, para sua ação de imposição de normas que em síntese marca a reprodução de ações despóticas, ditatorial, a forma como o personagem se encontra inserido em um contexto sócio-cultural demarcados pela presença e circulação de elementos oriundos de múltiplas culturas.

As contradições que demarcam as ações do personagem são ainda apontadas nos trechos em que a apresentação de um jornalista denuncia as incoerências presentes no discurso do Dupret:



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Segundo o ressentido redactor, ao privilegiar os modelos femininos de estatura elevada, magros e sobre tudo sem rabo, Charles Dupret limitava-se a copiar servilmente os padrões de beleza européia, “ofendendo criminosamente os cânones estéticos carnaís da Angola profunda”. (MELO, 2008, p. 68).

A negritude apresentada por Dupret se constitui dentro de uma política integracionista em que o recalque dos marcadores estéticos da ascendência angolana/africana e a assimilação do padrão fenotípico branco/europeu se coloca como estratégia de inserção no mercado global. A forma como o personagem encena a diferença não se converte em prática real de combate ao racismo, apresentando apenas a reduplicação do mesmo hegemônico através do outro subalterno (SODRÉ, 2000).

Destoante de um processo político de luta pela conquista da liberdade e desconstrução da hierarquia racial, a representação da política de identidade racial apresentada na obra aparece moldada pelos efeitos desiguais da globalização e do comércio planetário da negritude.

Na representação do personagem é possível perceber que quanto mais tentasse dar a identidade racial ostentada um sentido absoluto, uma forma “pura” e acabada, mais suas atitudes denunciavam a forma intensa que tanto a esfera mental/subjetiva quanto na organização social da sua vida se encontrava moldada pela confluência e convergência de diversificados elementos culturais, demandados por etnias africanas e européias várias. Dessa forma o texto vai articulando um discurso que propõe o deslocamento da concepção de identidade racial para a uma esfera de entendimento dos sempre existentes processos de mestiçagem e hibridações. A identidade nesse sentido se apresentaria tanto como signo da alteridade quanto como elemento catalisador das diferenças.

Logicamente, esse pensamento que nivela os sentidos de nacionalidade e da raça não podem ser lido como evento isolado das suas motivações sócio-políticas deflagradas ao longo da história. Por um lado a política de fragmentação das identidades nacionais foi posta como estratégia política de manutenção do sistema colonial. Por outro, o processo de formulação das identidades coletivas em Angola está ligado as lutas de combate ao sistema colonial. Um contexto caracterizado por um forte processo de clivagem racial e desigualdade social, se apresentou como propício para o desenvolvimento de redes de identificação e união coletiva, forjadas como estratégias de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

luta para combater e desarticular o forte sistema de opressão e segregação social orquestrado pelo colonizador europeu.

Ao discutir o processo de formação da consciência racial da população nativa na Angola colonial, Eugênia Rodrigues (2003) afirma que as principais causas que impuseram a formulação da identificação racial foi a constatação da “desigualdade” de tratamento face aos europeus. “Era a cor da pele que estabelecia as diferenças entre os indivíduos e não a sua situação econômica, a sua cultura ou as suas qualidades morais, critérios omissos na avaliação de negros e mestiços”.

Por meio do personagem se alude a persistência de um discurso de identidade nacional fortemente racializado. Raça e nação são articuladas na formulação de ideais identitários tão absolutistas e essencialistas quanto os deflagrados na era colonial. Denotando uma relação de continuidade com as ideologias e políticas racistas que moldaram as relações raciais na era colonial e que se desdobram no contexto pós-colonial articuladas a novas-demandas políticas e econômicas.

Já no conto Ngola Kiluanje, os entraves raciais são apresentados ao leitor a partir da história de António Manuel da Silva, um homem branco, nascido em Angola e filho de colonos portugueses. O conto é desenvolvido com o personagem narrando as lembranças da relação que manteve com a brasileira Jussara, quando da sua passagem pelo território brasileiro. As lembranças da relação mantida com Jussara serve de pano de fundo para que o personagem exponha os conflitos interiores que carregava, os quais, por sua vez, estavam intimamente ligados a sua condição de ser um angolano branco:

O mais estranho de tudo é que sou angolano branco e sou angolano.
[.....]

Eu disse angolano embora branco saiu-me. Não, não é acto falho. A questão é mais complexa. Desde logo e se por um lado é admitir que muitos brancos nascidos ou criados em Angola não se assumem como tal – o que aliás, explica por que muitos deles deixaram o país depois da independência – , é igualmente verdade por outro lado, que a maioria do povo não nos aceita como autênticos angolanos e ainda acredita que todos os brancos são colonos, mesmo que tenha havido alguns que inclusivamente, lutaram de armas na mão contra o colonialismo (o que não é o meu caso, pois já não sou dessa geração).
(MELO, 2008)

Na fala do personagem, António Manuel da silva, é também possível verificar fato de que as relações sociais estabelecidas no contexto pós-colonial são ainda perpassadas por



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

fortes entraves raciais. Dessa forma, nesse conto, o autor, como se quisesse demarcar as novas e, ao mesmo tempo, velhas diretrizes que organizam o estabelecimento conflituoso das relações raciais, toma como referência a situação dos brancos angolanos. E apresenta, como denúncia, o fato de que no contexto pós-colonial, os brancos, mesmo aqueles nascidos em Angola, são vistos por muitos angolanos negros como mantendo uma relação de identidade primeira com o colonizador o que se configuraria como um obstáculo para a possibilidade identificação com nacionalidade angolana.

A realidade social representada no conto mostra que a identidade racial é tomada como parâmetro central para o estabelecimento do sentimento de pertencimento nacional, chegando a ultrapassar a simbologia do nascimento, tão fundamental para a formação e manutenção do discurso da nação. Para Bauman (2009), o pressuposto de que pertencer por nascimento significava, automaticamente e inequivocamente, pertencer a uma nação foi uma conversão arduamente construída e consiste em um dos pilares de sustentação do sentimento de pertencimento nacional.

A fala da personagem sinaliza para o fato de que a discussão da identidade nacional, em Angola, país caracteristicamente marcado por uma multiplicidade étnico-racial, é atravessada por entraves raciais herdados do contexto colonial. A definição de pertencimento ou não pertencimento, os parâmetros usados para estabelecer o ser ou não ser angolano toma por vezes como referência as políticas de identidade acionadas no contexto colonial.

Sobre a situação dos descendentes de portugueses nascidos em Angola na época da colonização, Eugênia Rodrigues (2003) aponta que mesmo que alguns poucos intelectuais afirmassem que os brancos nascidos em Angola pudessem assumir a identidade angolana, predominava a idéia de que o nascimento em Angola não conferia aos colonos a angolanidade. Alegava-se, para além da ausência de laços de sangue, a divergência de interesses. Os colonos eram pois excluídos da lata designação de naturais ou indígenas. A autora afirma ainda que existiu uma distinção tradicional que marcava oposição entre, por um lado os - europeus e nativos civilizados e por outros indígenas. Essa oposição, pautada principalmente em níveis de aproximação e distanciamento em relação a cultura hegemônica, foi progressivamente sendo substituída por novos critérios baseados na cor da pele.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

Dessa forma, o direito à angolanidade implicava em pertencer à raça negra, ao passo que ser branco, ainda que nascido em Angola, implicava em certa resistência por parte dos nativos negros, em considerar tal sujeito como sendo de nacionalidade angolana.

Mas, por outro viés, a recusa de considerar-se angolano partia dos próprios filhos de colonos portugueses mesmo aqueles nascidos em Angola. Esse fato é citado no texto quando, em seu discurso, o personagem apresenta argumentos que apontam implicações na ação de excluir os angolanos brancos tomando como justificativa o fato de muitos não terem assumido a identidade angolana

Além disso, afirmar que todos os brancos que se foram embora após a independência não se assumiam como angolanos é, reconhecidamente simplificar a história (como justificar então, a fuga de milhares de angolanos de todas as raças, mas a maioria pretos e mulatos, a partir da segunda metade dos anos 80?) [...] tenho dúvidas se é o povo que não aceita que os brancos também possam ser angolanos ou se é apenas uma meia dúzia de oportunistas que os instiga a ter sentimentos e práticas racistas.

Enfim, não há dúvida se que esta questão é altamente complicada [...] (MELO, 2008)

O discurso do personagem se organiza por meio da apresentação de dados históricos que tem por objetivo apontar as contradições presentes nos argumentos utilizados para fundamentar o tratamento hostil imposto aos angolanos brancos. A alusão à dúvida de que seria o povo que não aceitaria que os brancos também pudessem ser angolanos ou uma dúzia de governantes que os instigaria a ter sentimentos e práticas racistas, soa menos como suspeita e mais como denúncia e crítica ferrenha a forma como as relações raciais estariam sendo conduzidas em Angola.

Ao longo do conto, o discurso do personagem, junto às interferências da voz que se intitula como sendo, do narrador-autor em oposição a do narrador personagem, vai articulando argumentos e relatando acontecimentos históricos que assinalam as ambigüidades e incoerências introjetadas na problemática das relações raciais na Angola pós-colonial. Essas incoerências vão sendo apresentadas no discurso do personagem de forma a concluir com a proposta de abandono das concepções de identidade tidas como



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

essencialistas e a construção de um universo multicultural, onde as diferentes raças e etnias convivessem de forma harmônica.

É importante perceber que, após apontar as contradições presentes nos argumentos que são utilizados para justificar o tratamento hostil dos negros para com os brancos, o personagem conclui sua fala afirmando que não há dúvidas de que essa, é uma questão altamente complicada.

A sinalização do personagem para a complexidade da questão deixa espaço para se perceber que a problemática das relações raciais na Angola pós-colonial se desenvolve dentro de uma conjuntura histórica e está articulada a diversas implicações políticas e sócio-culturais, implicações que por sua vez fazem com que essa problemática apresente vários vieses, possibilidades de análise e interpretações.

Nesse sentido, um dos pontos de tensão que se coloca na raiz da relação conflituosa entre negros e brancos na Angola pós-colonial e que, talvez, deva ser considerado como possível ponto de partida para análise da situação, aparece na fala do personagem quando relata o fato de que muitos brancos mesmo nascidos em Angola não se assumiam como angolanos.

Essa passagem lembra que as relações entre negros e brancos se desenvolveram por meio de um sistema colonialista baseado em políticas de desigualdade e opressão social e cultural. Muitos angolanos brancos não se assumiam como angolanos porque agiam tomando como referência de formulação de suas identidades as idéias hierarquizantes e etnocêntricas que afirmavam a supremacia branco-européia, em relação as outras etnias e “raças”.

Assim, a proposta de ultrapassar as idéias racialistas, tomando como base o abandono de noções de pertencimento únivoco, para partir em direção a formação de uma sociedade de todos, onde a única raça a permanecer seja a raça humana, tem como obstáculo tanto a memória de um passado recente que apresenta marcas de intensa violência física e psíquica – passado esse que, por vezes se atualiza, na permanência da grande desigualdade social que separa brancos e negros – quanto os ditames relacionados aos interesses políticos e econômicos das novas hegemonias que controlam o mercado global.

Dessa forma, pensar as relações raciais em angola é uma atividade que só pode ser desenvolvida se atravessando seus diversos pontos de contradições e ambivalências.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O que fica realmente claro é que a problemática dos antagonismos e disparidades que moldam as relações raciais no contexto pós-colonial fazem parte da herança histórica de Angola e está na agenda na discussão da identidade nacional da Angola pós-colonial.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MELO, João. **Filhos da pátria**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RODRIGUES, Eugénia. **A geração silenciada: a Liga Nacional Africana e a representação do branco em Angola na década de 30**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.